

EPISTEMOLOGIAS E ENSINO DA HISTÓRIA

Coord.

Cláudia Pinto Ribeiro

Helena Vieira

Isabel Barca

Luís Alberto Marques Alves

Maria Helena Pinto

Marília Gago

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Epistemologias e Ensino da História
(XVI Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)

COORDENAÇÃO

Cláudia Pinto Ribeiro
Helena Vieira
Isabel Barca
Luís Alberto Marques Alves
Maria Helena Pinto
Marília Gago

EDIÇÃO: CITCEM

Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN

978-989-8351-74-6
Porto, 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.



AS MULHERES E AS CRIANÇAS NOS CONFLITOS MUNDIAIS

CRISTINA ELENA TABORDA RIBAS

Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR)

RESUMO: Esta pesquisa foi desenvolvida dentro do aporte teórico e metodológico da Educação Histórica, cujos fundamentos científicos estão pautados na epistemologia da História e na teoria da Consciência Histórica (RÜSEN, 2010). Por meio do conceito substantivo (LEE, 2005) *As mulheres e as crianças nos conflitos mundiais*, busca discutir o processo de ensino e aprendizagem em História, para tanto, foi sistematizado a partir do curso de extensão universitária “Burdening History” ministrado e orientado pela professora Dra. Maria Auxiliadora dos Santos Schmidt, coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) e a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba (SME). Foi desenvolvida numa perspectiva humanística por meio do estudo de um caso realizado com 27 estudantes cursando o 3.º ano do Ensino Médio de um colégio de Curitiba-PR, seu percurso foi fundamentado nos princípios investigativos da Pesquisa Qualitativa de natureza empírica e interpretativa, por meio de fichas confeccionadas para análise das narrativas produzidas pelos estudantes, análises de documentários e imagens sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: *Educação Histórica, Consciência Histórica, Aprendizagem Histórica.*

INTRODUÇÃO

A realização do presente trabalho se deu a partir do curso “Burdening History”, ministrado sob orientação da professora Dra. Maria Auxiliadora dos Santos Schmidt coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR), e a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME).

O objetivo principal foi discutir o processo de ensino e aprendizagem pautado numa perspectiva humanística, para tanto buscou no aporte teórico e metodológico da Educação Histórica, na epistemologia da História e na teoria da Consciência Histórica de Jörn Rüsen (2010) subsídios para problematizar o conceito substantivo (LEE, 2005) as mulheres e as crianças nos conflitos mundiais.

Seu percurso foi fundamentado nos princípios investigativos da Pesquisa Qualitativa de natureza empírica e interpretativa, por meio de fichas confeccionadas para análise de narrativas produzidas por 27 estudantes cursando o 3.º ano do Ensino Médio de um colégio de Curitiba-PR.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro momentos distintos: no primeiro, denominado categorização dos conhecimentos prévios, foi problematizado por meio de duas imagens retiradas do filme japonês *Túmulo de Vagalumes* e uma questão, “Como você vê as mulheres e as crianças nas guerras? Justifique.”

O segundo momento foi caracterizado por intervenções realizadas com fontes históricas diversificadas, levando os estudantes a uma análise crítica e o entendimento das diferentes interpretações sobre um acontecimento histórico e “a importância do trabalho do historiador e da produção do conhecimento histórico para a compreensão do passado.” (PARANÁ, 2008: 70).

O terceiro momento foi pautado na elaboração por parte dos estudantes de um pequeno episódio de uma radionovela com duração máxima de 5 (cinco) minutos, este momento foi importante pois possibilitou a troca de experiências.

Buscando verificar e compreender os conhecimentos adquiridos após o trabalho multiperspectivado com fontes históricas e a elaboração de pequenos episódios apresentados na forma de radionovela, foi apresentada aos estudantes uma nova ficha com uma pergunta: “a partir das fontes históricas trabalhadas, como você vê as mulheres e as crianças nos conflitos mundiais?”

Finalmente nas considerações finais são apresentados e discutidos os resultados deste trabalho de pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: PRESSUPOSTOS DA INVESTIGAÇÃO

Esse artigo está relacionado a proposta de rediscussão dos saberes e práticas escolares, buscando debater a respeito de alternativas para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no que tange aos conteúdos relacionados a “burdening history” ou “história difícil” para serem trabalhados em sala de aula.

O uso da “burdening history” foi proposto no curso, em desenvolvimento, pela professora Dr^a Maria Auxiliadora dos Santos Schmidt, após estudos apresentados pelo historiador alemão Bodo von Borries, no ano de 2011, com o título *Coping with burdening history*, no qual

Sugere algumas definições iniciais a respeito do que ele chamou de “burdening history”, ou uma história tensa, pesada. Para ele, a aprendizagem deste tipo de conhecimento histórico tem que levar em consideração alguns pressupostos fundamentais. Um deles diz respeito às condições necessárias para uma aprendizagem efetiva da história, tais como o fato de que os novos insights precisam ser relacionados com os velhos, precisam conectar, positivamente, emoções e serem relevantes para a vida (SCHMIDT, 2015: 15).

Segundo Schmidt e Garcia (2008) a prática da educação histórica tem como objetivo a contextualização de conteúdos, para que, assim os jovens estudantes participem do processo de análise e construção do pensamento histórico. Dessa maneira, é possível proporcionar-lhes uma visão crítica quanto as formações da humanidade a partir das temáticas mais densas debatidas nas aulas de História.

Sendo assim, é imprescindível trabalhar com os estudantes a partir da multiperspetividade histórica, ou seja, interpretar as evidências do passado a partir de fontes históricas diversificadas, para que analisem, verifiquem, reflitam e formem sua consciência histórica pautada em fundamentações plausíveis, longe do senso comum. Diante dessa perspectiva, é possível realizar investigações a partir de uma visão humanística, buscando nas evidências as marcas de lutas, sofrimentos, indiferenças, exclusão, que nos manuais didáticos e num trabalho sem critérios com a pesquisa da fonte não conseguem cooptar.

A visão humanística proposta por Jörn Rüsen vem ao encontro dos direitos humanos que muitos movimentos sociais, sociedades civis, órgãos e instituições têm buscado inserir e institucionalizar nas diversas sociedades, sendo o humanismo essencial para o princípio da dignidade da vida humana, em cujas regras e normas são universais. (RÜSEN, 2015: 25).

CATEGORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

O tema problematizado nesta pesquisa foi *As mulheres e as crianças nos conflitos mundiais*, no qual foram apresentadas sem uma contextualização prévia por parte do professor, duas imagens do filme japonês *Hotaru no Haka* (Túmulo dos Vagalumes), a primeira retratando duas mulheres e seus filhos após o embarque de seus maridos para o front, a segunda era sobre a fuga de duas crianças de um bombardeio aéreo, e uma ficha contendo uma questão a ser respondida na forma de narrativa: “Como você vê as mulheres e as crianças nas guerras? Justifique.”

Ao término do preenchimento, as fichas foram recolhidas dando início ao processo de análise e categorização dos conhecimentos apresentados pelos estudantes.

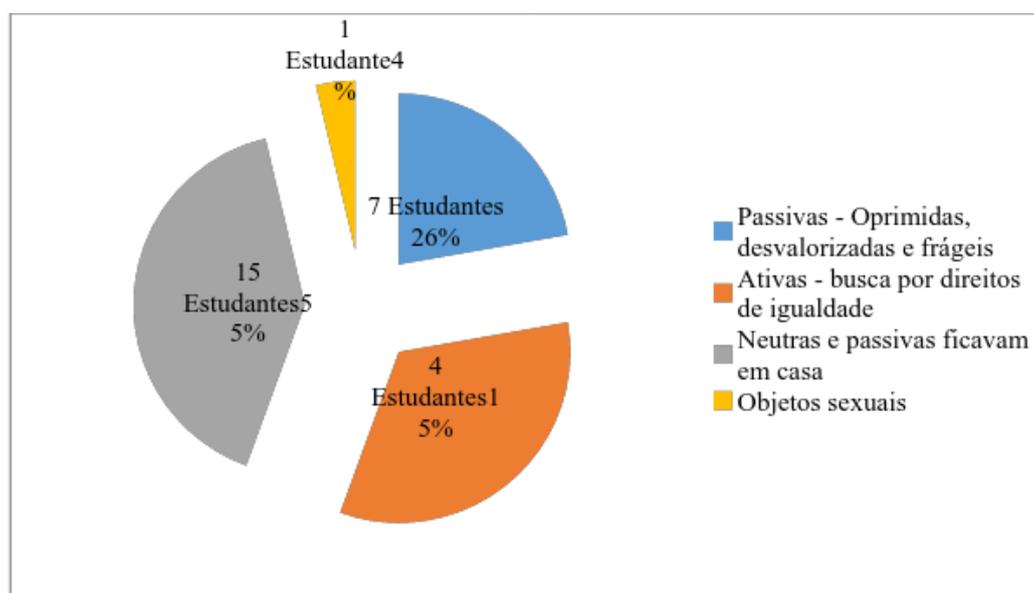


GRÁFICO 1 | CONHECIMENTOS PRÉVIOS

FONTE: Categorização dos conhecimentos prévios dos estudantes

Ficou constatado que dos 27 (vinte e sete) estudantes pesquisados, 11 (onze) mencionaram que viam as mulheres e as crianças como neutras, pois ficavam em casa como cita M. V.

Eu vejo-as como neutras em relação a poder ir para as guerras. Creio que a maioria 'foge' disso com seus filhos para que não ocorra nada, pois ficar em casa é mais seguro. A outra metade pode ser que gostaria de lutar por uma causa. Já as crianças não podem participar das guerras, mas o desejo de algumas sobre isso é grande. (M. V.).

Dentre as respostas apresentadas pelos estudantes, 6 (seis) viam as mulheres e as crianças como pessoas oprimidas e frágeis, como relata N. R. e L. F.

Eu vejo como uma parte oprimida da população, onde não tinham direitos, não havia respeito com elas, não tinham liberdade. Eram sempre homens governando e se autorizando delas. Suas vidas eram apenas obedecer ordens superiores, sem questionar. (N. R.).

Eu acho, que na minha opinião são as que mais sofrem, porque se trata de pessoas frágeis e que não tem muitas experiências, com a guerra. (L. F.).

Em sentido oposto, 9 (nove) estudantes viam as mulheres e as crianças como sujeitos ativos que buscavam seus direitos de igualdade como menciona I. M. e L. M.

Nos tempos antigos, as mulheres e as crianças nas guerras eram indefesas, elas não iam para a luta, e respeitavam tudo que seus maridos estabeleciam. Hoje em dia, as mulheres e as crianças mudaram muito, elas buscam a luta, a igualdade, expressam as suas opiniões e não deixam ninguém ‘mandar’ nelas. (I.M.).

Com a maioria dos homens na guerra, além das tarefas domésticas, muitas mulheres se alistavam, e acabavam se tornando enfermeiras e foram cuidar e tratar dos soldados feridos. Outras como acabei de escutar, foram trabalhar nas fábricas para que a economia do país não quebrasse, com os gastos excessivos com as guerras. Sobre as crianças, não sei muita coisa, mas, penso que, com as mães ‘assumindo’ o papel dos homens e indo trabalhar, as crianças ‘assumiram’ o papel de mãe e ficaram cuidando da casa e de seus irmãos menores. (L.M.).

Apenas 1 (um) estudante via a mulher como objeto sexual, como cita A. F.

Vejo que algumas mulheres são utilizadas como objetos sexuais para os soldados se distraírem e não entrarem em depressão. (A. F.).

Após o processo de categorização constatou-se que uma parte dos estudantes elaboraram narrativas descritivas simples, pois reproduziram somente informações e marcadores temporais retirados da pergunta, com respostas fragmentadas, simplistas. (SCHMIDT, 2016: ANOTAÇÕES EM SALA DE AULA), outra parte dos estudantes apresentou em suas narrativas uma explicação formal-emergente, as quais continham causas de diferentes naturezas, porém ainda com “marcadores temporais oriundos do próprio conteúdo historiográfico.” (SCHMIDT, 2016: ANOTAÇÕES EM SALA DE AULA).

O passo seguinte ao processo de análise e categorização foi proporcionar aos estudantes a reflexão e a problematização dos seus conhecimentos apresentados nas fichas, permitindo assim partilhar e discutir “as diferentes concepções apresentadas”. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004: 186).

PROPOSTAS DE INVESTIGAÇÃO

O trabalho de intervenção pedagógica buscou por meio de fontes históricas diversificadas, problematizar as carências de orientação temporal constatado no estudo exploratório, assim como também levar os estudantes a pensar historicamente e produzirem explicações históricas mais elaboradas explorando as relações nas suas várias dimensões.

Para tanto, o processo de intervenção foi realizado em 3 (três) momentos: no primeiro os estudantes assistiram o filme japonês *Hotaru no Haka* (Túmulo dos Vagalumes), que apesar de ser legendado despertou curiosidade e interesse em assisti-lo até o final.

No segundo momento foram trabalhadas duas fontes, a primeira retirada do site Portal Raízes, uma matéria intitulada: *Herói anônimo compra escravas sexuais no Iraque para devolvê-las às suas famílias*, ao final da matéria é apresentado um vídeo com duração de 1: 10 (um minuto e dez segundos) sobre a devolução de uma garota yezidi para seu pai, ainda segundo o site “Este homem, e outros que arriscam suas vidas para salvar garotas desconhecidas são exemplos de corajosa determinação humanista.” (PORTAL RAÍZES, 2016). A segunda, uma matéria de Nara Rubia Ribeiro publicada em 29 de março de 2015 no site CONTI outra, intitulada: *sobre a menina síria que se rende ao confundir câmera fotográfica com uma arma*.

PRODUÇÃO DE NARRATIVAS: ELABORAÇÃO DE RADIONOVELAS

Após o processo de intervenção, foi solicitada aos estudantes a formação de equipas compostas de 4 (quatro) integrantes para a elaboração de narrativas produzidas na forma pequenos episódios com duração máxima de 5 (cinco) minutos, em forma de radionovela a serem entregues juntamente com um relatório sobre as falas e atuação de cada integrante.

O trabalho em equipa buscou na criatividade proporcionar a troca de experiências para questionar os conhecimentos prévios apresentados no primeiro momento, e transformar por meio do processo de intervenção estes conhecimentos em uma explicação histórica mais complexa.

Finalizado o trabalho de radionovela, todos os episódios foram ouvidos e comentados, nesse momento buscou-se discutir a especificidade, a criatividade e os novos conhecimentos adquiridos.

METACOGNIÇÃO

Buscando verificar se o trabalho com fontes históricas diversificadas e das audições dos episódios das radionovelas possibilitou aos estudantes um pensamento histórico mais elaborado e uma explicação histórica mais complexa, foi criado um instrumento de metacognição na forma de uma ficha com uma pergunta: Com base nos trabalhos apresentados e em seus conhecimentos, como você vê as mulheres e as crianças nos conflitos mundiais?

Posteriormente a análise das narrativas apresentadas no instrumento de metacognição, constatou-se que grande parte dos estudantes conseguiu atingir o objetivo proposto, em relação a articulação temporal a estudante D. R. comenta

Duas vagas de emprego, um homem e uma mulher. Mesma profissão. Mesma experiência. Um salário maior. Por quê? Hoje, ainda podemos perceber a diferença que a sociedade faz entre homens e mulheres e é quase palpável o preconceito contra o sexo feminino. Entretanto não podemos ignorar os avanços que tivemos até hoje, afinal se voltarmos alguns séculos, teremos uma realidade onde o 'dever da mulher' era casar, ter filhos e cuidar de casa. Aos poucos, as mulheres foram conquistando seus direitos, chegando onde queriam, atingindo objetivos. Já podem dirigir, trabalhar, ser independentes, morar sozinhas e agora, buscam a igualdade. (D. R.).

Outra questão que chamou à atenção foi a de orientação temporal e referência às leis, como relata F. B.

A luta das mulheres começou a partir da Revolução Francesa. Elas foram à luta, pois queriam liberdade, direito ao voto e mais avanços na sociedade. As mulheres se sentiam reclusas aos homens, menosprezadas. Nos dias atuais existem leis que amparam as mulheres de violência física e doméstica, além de as mulheres terem direitos iguais aos dos homens, porque perante a lei somos todos iguais. A conquista de seus direitos não foi nada fácil, encontraram dificuldade no meio do caminho como: preconceito, machismo, dentre outros. (F. B.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa buscou no aporte teórico e metodológico da Educação Histórica, subsídios para discutir o processo de avaliação da aprendizagem no ensino de História, especificamente o critério “orientação temporal”.

A partir desse referencial procurou por meio da análise e interpretação de fontes históricas diversificadas, problematizar os conhecimentos que os jovens estudantes traziam para o ambiente escolar, possibilitando assim a participação no processo de construção do pensamento histórico e da formação da consciência histórica.

Nesse sentido, constatou-se que grande parte dos estudantes conseguiu atingir o objetivo proposto, pois ao articular as diferentes temporalidades (presente, passado e futuro), assim como também articular temporalidades e relacionarem com algumas fontes históricas trabalhadas no processo de intervenção, conseguiram perceber não só a participação da mulher na Revolução Francesa, mas a luta e as conquistas delas ao longo do tempo pelos direitos de igualdade, ou seja, conseguiram interpretar as ideias de mudanças apresentadas nas fontes históricas, e a partir dessa interpretação localizarem-se temporalmente.

BIBLIOGRAFIA

LEE, Peter — *Putting principles into practice: understanding history*. In BRANSFORD, J. D.; DONOVAN, M. S. (eds.). *How students learn: history, math and science in the classroom*. Tradução de Clarice Raimundo. Washington, DC: National Academy Press, 2005.

MSDENIBAR — *Filme Túmulo dos Vagalumes Parte 1/2 - legendado*. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LfKH5Vyr69I>. [Consulta realizada em 13/04/2016].

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, SUED — *Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Estadual do Ensino de História*. Curitiba, 2008.

PORTALRAÍZES — *Herói anônimo compra escravas sexuais no Iraque para devolvê-las às suas famílias*. 2016. Disponível em <http://www.portalraizes.com/heroi-anonimo-compra-escravas-sexuais/>. [Consulta realizada em 15/05/2016].

RIBEIRO, Nara Rúbia — *Sobre a menina Síria que se rende ao confundir câmera fotográfica com uma arma*. 2015. Disponível em <http://www.contioutra.com/sobre-a-menina-siria-que-se-rende-ao-confundir-camera-fotografica-com-uma-arma/>. [Consulta realizada em 15/05/2016].

RÜSEN, Jörn — *Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

_____ — *Formando a consciência histórica para uma didática humanista da história*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, et al. (orgs.) — *Humanismo e Didática da História*. Curitiba: W. A. Editores, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene — *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

_____ — GARCIA, Tânia Maria F. Braga — *História e educação: diálogos em construção*. In SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga; HORN, Geraldo Balduino (Orgs.). *Diálogos e perspectivas de investigação*. Ijuí: Unijuí, 2008.

_____ — *Aprendizagem da “burdening history”: desafios para a educação histórica*. <<MNEME – Revista de Humanidades>>, Caicó, vol. 16, (2015), n. 36, p. 10-26. Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8094/6124>. [Consulta realizada em 12/06/2015].

_____ — *anotações em sala de aula*. Curitiba, 2016.